

DON QUIXOTE

Publicado por Angelo Agostini.
Escritorio e Redacção - Largo da Carioca 4 Sobrado



Sancho Panza. — O patrão está todo arripiado! O que ha?

Don Quixote — Pediram a pena de morte para Dreyfus! Bandidos!

S. P. — É o mesmo que pedir a pena de morte para a Republica Franceza!

D. Q. — É justamente o que querem! Pobre França!

EXPEDIENTE

Pedimos aos nossos antigos assignantes o obsequio de remetterem ao nosso escriptorio (rua de S. José, sobrado, esquina do largo da Carioca) o endereço de suas residencias, afim de que, de ora avante presida a maior regularidade no serviço de entrega do D. QUIXOTE áquelles que tiveram a gentileza de o assignar. Um extravio do livro relativo á entrega, por occasião da mudança, força-nos a dirigir este pedido aos nossos assignantes — tanto aos que haviam já satisfeito a importancia das respectivas assignaturas, como áquelles que ainda estavam em atraso.

Continúa a ser o preço para as assignaturas:

CAPITAL		ESTADOS	
Anno.....	25\$000	Anno.....	30\$000
Semestre.....	14\$000	Semestre.....	16\$000

O DON QUIXOTE

RIO, 9 DE SETEMBRO DE 1899.

ONDE VAMOS PARAR?

O Rio de Janeiro, que, sem pleonismo, poderia e deveria ser uma das maiores e mais formosas e cultas capitais do mundo, é, entretanto, uma das ultimas esthetica e (é triste, mas é forçoso dizel-o) moralmente fallando.

As condições topographicas desta verdadeira rainha do Atlantico parece terem sido pela natureza creadas para fundação de uma cidade, que, aos favoraveis elementos hygienicos, reunisse tudo quanto a mente humana poderia imaginar para tornal-a um verdadeiro paraíso.

Si a mão do homem não se mostrasse criminosamente pygméa perante esta deslumbrante e magestosa natureza, a capital da grande Republica Brasileira tornar-se-ia em breve uma das mais bellas metropoles do mundo.

Não seria difficil conseguir a realização d'este magico sonho; bastaria que os homens de boa vontade (como diz o Evangelho) trabalhassem para isso, e convergissem todos os seus esforços ao conseguimento d'este importantissimo e almejado objectivo.

Mas, entre nós o enthusiasmo dura pouco; e é por isso que tudo quanto seria preciso ser executado já e já, dorme mezes e mezes nas mãos das commissões nomeadas *ad hoc*.

Quando começaremos o saneamento do Rio de Janeiro? E' nosso costume, quando temos algum negocio a tratar durante a

semana, deixar o adiamento do mesmo para a proxima segunda-feira.

Por conseguinte, não fallemos mais de saneamento, por ora; d'elle nos occuparemos no proximo seculo XX.

A estas ruellas estreitas, a estes *sine fine dicentes* de buracos e poças no nosso ideal calçamento, a estes casebres imundos, onde o ar que se respira é *irrespiravel*, estamos acostumados, deixemos correr as cousas como vão; quem vier depois de nós, si achar conveniente, fará alguma cousa para esta malfadada cidade, pela qual temos feito todo o possivel afim de conserval-a como os nossos antepassados nol-a entregaram, isto é, suja como um chiqueiro, ou mesmo mais.

As condições moraes e de segurança desta capital eil-as: de um lado, ou melhor de todos os lados, mulheres esbagaçadas a mostrarem as suas *anti-phryneicas* bellezas publica e escandalosamente; do outro, furtos por toda parte, desordens, lutas, ferimentos e mortes todas as noites, e soldados que desrespeitam e aggridem os seus superiores, impunemente: sim, impunemente, porque na maioria dos casos estes indisciplinados, que seriam severamente punidos e até fuzilados em qualquer outro paiz, são aqui postos em liberdade alguns dias depois de commettido o crime.

E' este o Rio de Janeiro de hoje; si o espectáculo que está dando actualmente a grande capital da Republica é nobre e digno, o Brasil inteiro que o diga.

E' absolutamente necessario que os altos poderes do Estado, de pleno accordo, com mãos de ferro, ponham termo a este vertiginoso desmoronamento moral e material da capital da Republica.

O bom exemplo, dizem, vem do alto; neste caso o exemplo que está dando a primeira cidade do Brasil é muito baixo.

O lugubre e deprimente quadro por nós esboçado, seria, por acaso, a consagração no terreno pratico da sublime aspiração republicana contida no programma escripto na bandeira nacional — *Ordem e Progresso*?

HORRIVEL!

Escreve-nos o nosso distincto amigo Dr. Marcos Galluzzi, actualmente em visita ás colonias do Estado de Santa Catharina, marginaes á estrada de ferro D. Maria Christina, que, partindo de Laguna, tem a sua estação terminal em Minas.

No dia 17 de Julho nos foi dada a

noticia de que os bugres, depois de terem tentado roubar gado, foram vigorosamente perseguidos pelos serranos, obrigando-os a refugiarem-se nas florestas. Durante alguns dias os cumes da serra appareciam á noite illuminados por grandes fogueiras, accesas naturalmente pelos bugres.

Quatro dias depois, isto é, sexta-feira 21, o colono italiano Penato, acompanhado de dois companheiros e tres moças, estava cortando matto em um terreno proximo da serra, quando improvisamente a jovem Pia Saccoman, de 17 annos de idade, foi ferida por uma flecha com ponta de ferro, que penetrou pelo peito e sahiu-lhe nas costas.

A coitadinha cahiu, abraçando a companheira que estava a seu lado, exclamando: *non ti vedrò più*.

A infeliz morreu instantaneamente.

Penato e seus companheiros puzeram-se em fuga, não deixando de disparar alguns tiros de espingarda em direcção ao lugar de onde partira a flecha.

Voltaram logo depois em companhia de outros em perseguição dos bugres.

Um pouco distante do lugar onde tinha cahido a pobre moça, encontraram-na horivelmente mutilada e tendo um páo fincado na vagiua.

O cavalheiro Napoli, digno director da colonia « Nova Veneza », mandou no dia seguinte doze homens, capitaneados por Natal Cabral, muito conhecido n'aquella localidade como um terrivel e destemido perseguidor dos bugres.

A expedição não deu resultado, não tendo sido possivel encontrar aquellas feras.

Novo desastre, porém, enlutou aquella gente.

Um moço de 25 annos, noivo da infeliz Pia, que fazia parte da expedição, na occasião de pular um pequeno vallo, feriu-se gravemente na perna esquerda com a garrucho que levava á cintura.

No mesmo lugar onde, poucos dias antes, havia cahido morta a pobre Pia Saccoman, o pai de Penato morria esmagado por uma arvore que acabava de abater.

Si, de algum modo, se póde dizer que ha localidades malfadadas, fataes, este é o caso.

UM PASSEIO A' CAPITAL

O meu compadre Polycarpo, que mora em Guaratinguetá, veio, ha dias, visitar-me com toda a familia, que se compõe (tomem alento) de sua mulher, sua sogra, duas filhas, uma de 12 e outra de 16 annos,

dous filhos, um de 7 e outro de 15, e duas criadas.

Toda aquella abundancia choveu-me inesperadamente em casa na tarde de sabbado passado.

Imaginem como fiquei *agradavelmente* surprehendido pela amabilidade do amigo Polycarpo !

Esta prova de amizade sincera do compadre commoveu-me terrivelmente, e não tive remedio sinão mostrar que estava possuido da mais illimitada e legitima satisfação, pelo facto de ter preferido hospedar-se em casa, quando podia muito bem ter escolhido a do Totó Barigudo, que tambem é seu compadre e talvez mais seu amigo do que eu.

Passou-se a noite de sabbado em casa fazendo musica familiar e italiana.

Já se vê que nem eu nem o meu compadre pertencemos ao «Centro Artistico».

No dia seguinte pela manhã resolvemos passear pela cidade e tomámos um bonde; uma scena desagradavel, porém, veio logo incommodar-nos.

Um sujeito bebado, com palavreado obsceno, fazia corar as senhoras.

O conductor quiz chamal-o á ordem, mas o homem exasperou-se e tivemos o espectáculo de um pugilato entre os dous, que terminou com a queda do bebado, que ficou estendido na rua sem poder se levantar.

Em outra rua, uma carroça, sobremodo carregada, tinha cahido em um buraco, partindo-se-lhe o eixo; ficámos alli parados meia hora, á espera que se desobstruisse o caminho.

N'esta occasião, um rapaz, aliás bem trajado, que se achava ao lado da filha mais velha do Polycarpo, mostrou-se pouco educado e correcto; vi-me obrigado a chamal-o á ordem.

Ao conductor tinha eu dado dez mil réis para pagamento das passagens; esqueci-me de pedir-lhe o troco, e elle, muito naturalmente, tambem se esqueceu (já se vê) e lá se foram oito mil e tantos.

No largo da Carioca, á entrada da estação do bonde de Santa Thereza, havia tanta agglomeração de povo e tanta gritaria, por causa de dous gatunos presos em flagrante, que a familia do compadre, espavorida, tomou pela rua de S. José, e foi parar na da Ajuda.

Visto a impossibilidade de subir ao Sylvestre, resolvi dar com os meus illustres hospedes um passeio até as Laranjeiras. Chegando em frente ao portão do Hotel

Metropole, vimos dous zelosos fiscaes, disfarçados em soldados da brigada policial, armados de poderosos chanfalhos, maltrataram uns pobres quitandeiros, obrigando-os a pagar-lhes a multa de 5\$000.

De volta das Laranjeiras, um medonho sarilho nos esperava na rua Sete de Setembro. A policia tinha dado cerco a uma casa de jogo; algumas pessoas que procuravam sahir d'aquella casa, foram perseguidas pelos soldados, e isto dava-se exactamente no momento de nossa chegada.

Na grande confusão que se deu, sumiu-se o meu compadre. Imaginem a pobre familia como ficou, quando se viu sem seu chefe.

Uma choradeira dos diabos por parte da senhora, dos filhos e das criadas.

No maior desespero, fui á cocheira do largo do Rocio, e, encaixotada em dous carros, levei para casa a familia do compadre, que, além do soffrimento moral de que se achava possuida, teve de supportar verdadeira tortura em um sem numero de choques e cabeçadas dados uns nos outros, devido aos terriveis solavancos que davam os carros com o bello estado do nosso calçamento.

Em compensação, para consolar-me, tive de pagar a modica quantia de 150\$000.

Voltei immediatamente á cidade em procura do meu pobre amigo.

Não o tendo encontrado em parte nenhuma, fui á estação central da policia. Lá estava o compadre; mas, meu Deus, em que estado !

Tinha sido preso como gatuno e jogador; estava com o paletot todo rasgado, sem corrente, sem relógio e sem carteira.

O pobre Polycarpo chorava como criança, contando-me o supplicio pelo qual tinha passado, e as offensas e injurias que lhe haviam feito os dignos garantidores da segurança individual.

Vendo chorar o compadre quasi chorei tambem.

Como sou conhecido do delegado que alli se achava na occasião, não foi difficil obter a immediata soltura do meu amigo.

Não é possivel imaginar a scena commovedora que se deu, quando o compadre lançou-se nos braços da esposa; aquelle momento compensou todos os soffrimentos passados.

Polycarpo tinha vindo ao Rio para passar oito dias commigo; oito dias, pensava elle, de felicidade neste paraíso para si e sua familia. O passeio tinha-o desilludido,

e determinou voltar á fazenda no dia seguinte.

E assim foi.

Partiu dizendo-me : volto á tranquillidade do meu Guaratinguetá e deixo a quem as quizer, todas as delicias d'este inferno que se chama Rio de Janeiro.

GENERAL CARLOS TELLES

Recebemos de improviso a noticia da subita morte do illustre general Carlos Telles.

O bravo soldado, tão conhecido por todos, tão sympathico e tão valente, morreu ainda no vigor da idade.

A noticia de sua morte não deixará, de certo, de impressionar dolorosamente a todos os brasileiros que tinham no bravo militar um peito generoso e forte, prompto sempre aos maiores sacrificios em defesa da patria.

Na impossibilidade absoluta de enumerar aqui os grandes e relevantes serviços prestados ao paiz pelo illustre soldado, depomos, profundamente compungidos, uma corôa de saudades sobre o tumulo do grande filho que a patria acaba de perder.

BELLAS-ARTES

No dia 1 de Setembro inaugurou-se com todo o brillantismo a exposição annual da Escola Nacional de Bellas-Artes.

Digo com brillantismo pois que d'esta vez o presidente da Republica, acompanhado de seu secretario Dr. Cockrane e do ministro do interior Dr. Epitacio Pessoa, honrou com sua presença esse certamen modesto mas bem significativo do nosso progresso em relação ás bellas-arts, e em que figuram 188 trabalhos de perto de cinquenta autores, entre artistas e amadores.

Sinto devéras que a este nosso salão não tenham este anno concorrido artistas tão conhecidos e apreciados como Henrique Bernardelli, Brocos, Weingartner, Visconti, Oscar Pereira da Silva, Alvaro, Lopes Rodrigues, Diana, Morales de los Rios, Behrard, D'Allara, Souza Pinto, Madruga e muitos outros.

Este ultimo, cujos trabalhos foram tão apreciados no nosso ultimo salão de 1898, enviou algumas telas de Paris, mas que, infelizmente, não chegaram a tempo.

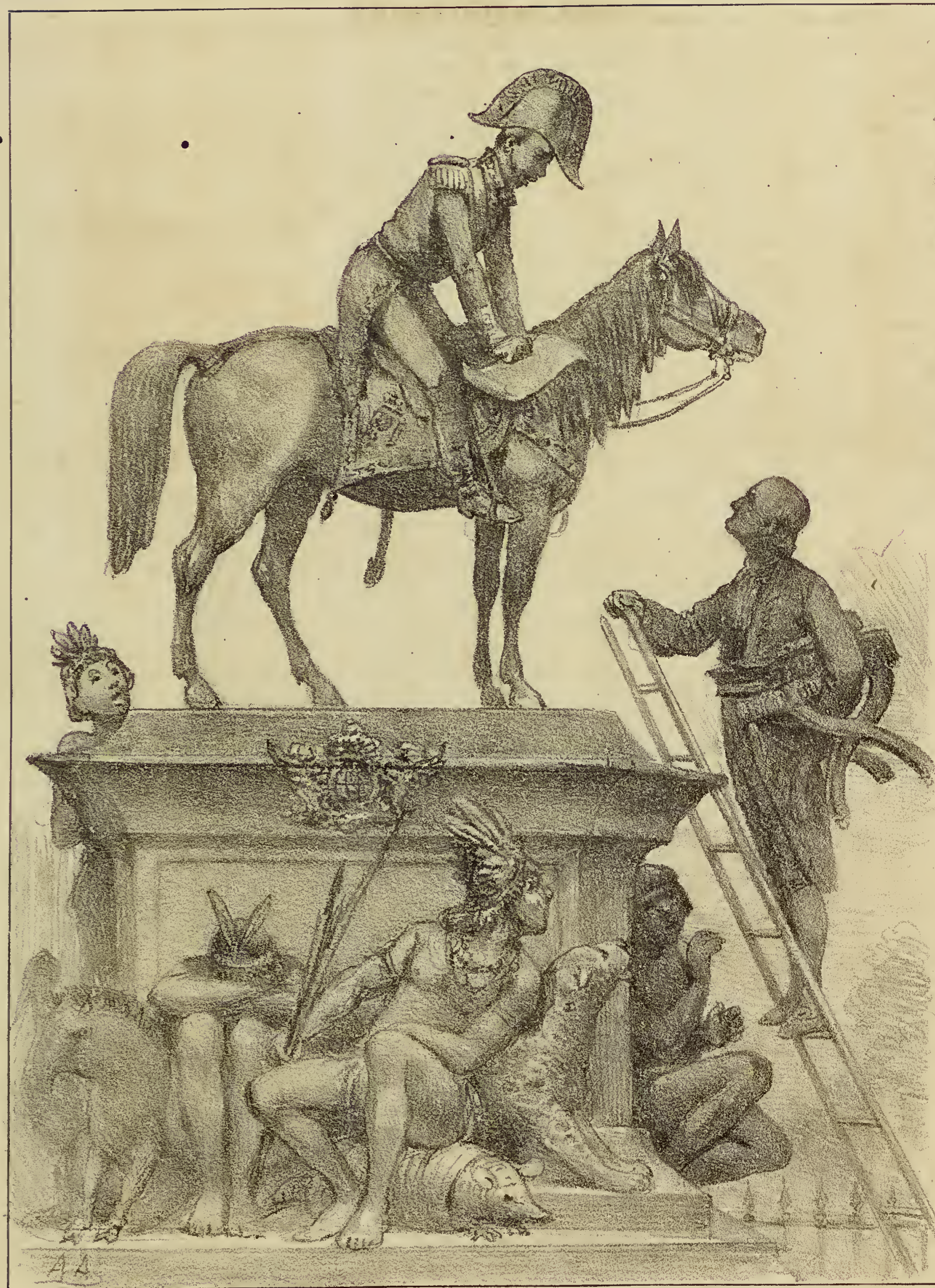
Esta exposição não deixa, todavia, de ser bem interessante, pois vêem-se n'ella trabalhos de real valor, e d'entre estes alguns de expositores novos.

Ao Sr. vice-director Rodolpho Amoe-

do, que substituiu o director Rodolpho Ber-

O dia 7 de Setembro

Guerra por mar e por terra à peste bubônica.



Uma vez que a esquadra é destinada ao serviço sanitario, o seu commando, segundo consta, será confiado ao Dr Nuno de Andrade, que terá o posto de Almirante.



J.B. — Venho cumprimentar V.M. e, com pesar, vejo que a brava gente brasileira é meio ingrata. Nem mais um bico de gaz, nem bandeirinhas, nada enfim para o fundador de sua nacionalidade!
 Pedro I — E tu, meu Bonifacio, que tanto trabalhaste para isso, deixaram-te ficar as escuras. Não admira; com um Alvarenga à testa da Sociedade Comemorativa das Datas Nacionais, não era de esperar outra coisa. Ha jacobinos que esquecem que são brasileiros.

O Dr. Abel Parente, dizem, propõe-se a commandar um exercito apropriado para combater os ratos, que, segundo declarou o illustre doutor, são terriveis transmissores da peste bubônica. Só espera a sua nomeação de general em Chefe do exercito sanitario. Pobres ratos!

nardelli, actualmente em Paris, ao secretario da Escola o Sr. Chalcó, e aos professores que organizaram a exposição deste anno, os mais sinceros cumprimentos.

Passando agora a occupar-me dos quadros, começarei pelos artistas e tratarei de um dos mais estimados do nosso publico, e que muito honra a arte nacional. não só pelo seu merito, como pelos assumptos de que trata, que são verdadeiramente brasileiros.

Esse bravo artista, esse grande trabalhador, é o Almeida Junior.

O seu estudo n. 5 é simplesmente uma cabeça de homem, mas sua execução é tal que poderia ser assignado pelos melhores mestres da pintura moderna e mesmo antiga. Que colorido, que technica e que franqueza de execução!

Um outro quadro interessantissimo é um interior de atelier, onde o modelo se esconde atraz de uma tela, intitulado: *Importuno*.

O *Violeiro* vem em terceiro lugar.

Apezar do assumpto ser bem tratado, achei que não havia necessidade de o fazer de tamanho natural, sobretudo por causa d'aquelle fundo preto do interior da janella, o que produz uma certa dureza que não seria tão sensivel si esse quadro fosse executado em ponto menor.

O mesmo direi dos intitulados *Mendiga* e *Saudades*: são grandes demais para quadros de genero e occupam muito espaço em uma galeria de amator.

O estudo n. 6 é uma cabeça de velha, bem pintada, na verdade, mas deixando uma desagradavel impressão, a quem olha, do máo gosto do artista em escolher gente velha e feia.

Velhas mendigas, velhas caipiras, velhas beatas, e isto todos os annos! Até seus discipulos tambem deram agora em pintal-as! Basta de velharias, Sr. Almeida Junior!

O intitulado *Pic-nic*... d'este prefiro não dizer nada.

O Rodolpho Amoedo compôz apenas dois trabalhos.

Eis o que vejo no catalogo:

15 — *Festão de magnolias*, estudo (*Tempera envernizada*).

16 — Retrato do Dr. S. R. (*tempera envernizada*).

Confesso que não entendo esse negocio de *tempera envernizada*! O que vejo é que o Sr. Amoedo, sempre á procura de novidades, tem agora a mania dos temperos, como si a arte da pintura fosse negocio de cozinha!

Que o tal systema não presta, o retrato n. 16 o prova evidentemente, pelo modo por que foi *temperado*. Deixe, por-

tanto, o Sr. Amoedo de pintar com ovos, e creio que tambem com cebolas. Misturar a arte culinaria com a arte da pintura!...

Eu só queria saber que gosto teria uma feijoada si, para temperal-a, espremessem n'ella alguns tubos de tinta!

O Sr. Amoedo, artista de merito como é, não deve, depois de ter produzido tantos bellos quadros que ornem e enriquecem as galerias da Escola de Bellas-Artes, apresentar novidades fazendo da pintura uma chimica, o que me obriga, para julgar do seu merito, a olhar para o que pintava antigamente e não para o que tempéra hoje.

O Sr. Aurelio de Figueiredo expôz sete telas: são as do numeros 23 a 27.

Com toda a cautela tratarei dos quadros deste artista, pois todos sabem que elle é meio escamado!

E' possivel que me aconteça o mesmo que se deu com o collega d'*O Paiz* Oscar Guanabarino. Paciencia!

Em todo caso, não tratarei da questão de preço. Isto é negocio muito delicado que nada tem com a arte. O Sr. Aurelio tem o direito de pedir cinco contos e até 50, si elle quizer, por um seu quadro; a questão é achar quem lh'os pague.

Isto só interessa ao artista e não a mim, nem tão pouco ao collega Guanabarino.

Fallarei, pois, dos quadros do Sr. Aurelio, dizendo com franqueza a minha impressão.

Depois de muito observal-os com todo o cuidado, convenci-me e cada vez mais, pois que de ha muito conheço as obras do Sr. Aurelio de Figueiredo, que nem sempre é a mesma mão que move o pincel sobre a tela; em um quadro foi uma mão que o pintou, o que não se pôde dizer de outro, cuja factura é inteiramente diversa.

Não se escame nem se arpie o Sr. Aurelio. Largue essa penna, si já a tomou para fulminar-me, e ouça-me com toda a calma.

Dizia, pois, que nem sempre é a mesma mão que conduz o pincel. Uma vez é a do artista, outra vez é a do poeta.

Aurelio de Figueiredo é uma cousa e outra.

Quando é o poeta que pinta, o pincel corre vertiginosamente sobre a tela; as tintas as mais finas, as garances, o cobalt, os cadmiums e outras cobrem a palheta; casadas umas ás outras, formando tons dos mais harmonicos são estes febrilmente lançados sobre a tela, até ver n'esta com os olhos da cara o que só via com os de uma imaginação ardente em uma inspiração mais ou menos feliz. O seu quadro *Rhapsodia das ondas* é um dos taes pintados pelo poeta, que pouco se importa que haja qualquer exagero na côr ou um ou outro

senão no desenho, comtanto que elle exprima bem o seu pensamento. N'este ponto o Sr. Aurelio foi feliz e por isso o cumprimos.

Quando é o artista que trabalha, o caso é outro. Antes de preparar sua palheta e dar uma pincelada, elle observa bem o original que tem diante dos olhos, quer seja figura ou paisagem. Ahi o toque é mais seguro e o effeito mais verdadeiro.

Isto quer dizer que quando o Sr. Aurelio quer ser pintor é pintor.

D'ahi a differença extraordinaria que se nota em suas produções artisticas, umas bellissimas e outras bastante mediocres, e que não correspondem ao seu reconhecido talento.

O que ha de mais surpreendente, o que causa verdadeira admiração de entre todos os trabalhos de arte este anno expostos, ha um para o qual chamo a attenção de todos que gostam do que realmente tem cunho artistico no seu mais elevado gráo, que é, sem duvida alguma, a estatueta em gesso, de tamanho natural, que se acha na secção de esculptura e intitulada *Remorso*.

E' um rapazinho sentado em uma posição graciosissima, produzindo o melhor effeito, como linha, de qualquer lado que se olhe; em uma mão tem o bodoque com que acabou de matar um passarinho que se achava a seus pés.

E' tão bella a expressão de pezar que exprime aquella bonita cabecinha a olhar para o passarinho, ha tanto sentimento em todo esse trabalho, que não posso deixar de manifestar sincero enthusiasmo pelo jovem artista Cerreia Lima, autor d'essa obra prima.

Confesso que, apezar de Bernardelli ter-me dito ser elle o mais adiantado e talentoso de seus alumnos, eu não esperava tanto.

Com certeza elle continuará a estudar, até chegar um dia a ser uma celebridade, como tal é considerado o seu professor no mundo artistico europêu; digo europêu pois que entre nós, infelizmente, o tal mundo não é sinão de invejosos e de indifferentes.

O que posso asseverar é que no Brasil já não ha um só esculptor.

Agora temos dois. Um é o Rodolpho Bernardelli, que já chegou ao mais alto gráo da arte, o outro é o Correia Lima, que para lá caminha.

O *Remorso* é, sem duvida, o trabalho mais artistico da actual exposição.

N. B. Espero que estes lovoures não influirão no espirito do jovem artista para fazel-o retrogradar, como já tem acontecido a alguns, que se julgam logo umas celebridades. Estude e trabalhe para merecel-os sempre.

(Continúa)